

**UMA ANÁLISE DE INTERAÇÃO ESCRITOR–LEITOR ATRAVÉS DE
ESCOLHAS PRONOMINAIS EM TEXTOS DE UM MACRO GÊNERO:
RELIGIOSIDADE***

Áurea L. O. SILVA
(PUC/SP)

ABSTRACT: *This paper analyzes the interaction between writer and reader in three sets of texts on religiosity, which inside consider three sub-genres of a genre - religiosity: spirituality, Chiara Lubich e self-help counselling. The analysis detected a gradation, from closer to more distant, between writer and reader. Naming and choices of the personal pronouns were analysed to understand this gradation in terms of projection of roles (Thompson and Thetela, 1995).*

KEY-WORDS: *Linguistics, Systemic-functional, Interaction, Reading-Writer.*

RESUMO: *Este trabalho analisa a interação entre escritor e leitor em três conjuntos de textos de religiosidade, que são considerados três sub-gêneros do gênero – religiosidade: espiritualidade, Chiara Lubich e auto-ajuda. Foi identificada uma gradação nos tipos de interação escritor-leitor que vai de uma maior a uma menor proximidade entre os participantes no evento comunicativo. Nomeação e escolhas do sistema pronominal pessoal foram analisadas para entender melhor como a interação é gerenciada nestes textos através da projeção de papéis (Thompson e Thetela, 1995).*

PALAVRAS-CHAVE: *Linguística, Sistêmico-funcional, Interação, Escritor–leitor.*

1. Introdução

Este artigo tem o propósito de apresentar um estudo de três conjuntos de textos de religiosidade¹ para entender melhor o significado interpessoal contido nesses conjuntos. De modo geral, a análise foi dirigida para responder à questão de como a interação é manejada pelos escritores dos

* Artigo desenvolvido a partir da dissertação de mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na PUC/SP, de Silva (2000), sob orientação da Prof^a Dr^a Leila Barbara.

¹ Texto que trata de religião.

textos, ou seja, como os textos favorecem a interação escritor-leitor de modo a acompanhar as mudanças culturais do homem de hoje, e, ainda, para verificar se o tipo de interação escritor-leitor encontrada nos textos favorece o evento lingüístico e revela o enfoque que se quer dar para os textos.

Com base na lingüística sistêmico-funcional (Halliday, 1994), optamos por investigar como acontece a interação entre escritor e leitor nos textos através da análise de algumas escolhas interpessoais feitas pelos escritores. Mais especificamente, concentramos a análise nas escolhas do sistema pronominal pessoal do discurso, num corpus constituído de 796.309 palavras, na língua portuguesa, de uma linguagem do meio religioso, meio que perfaz uma parcela significativa do mercado editorial de textos que parecem mostrar interesse público e ter reflexos na vida religiosa (Secondin e Goffi, 1993).

Este trabalho estuda trinta e sete livros publicados no Brasil, nas décadas de 80 e 90, por duas editoras religiosas do estado de São Paulo: uma redentorista e uma focolarina.

2. Teoria

Adotamos o modelo sistêmico-funcional, pois, estuda a linguagem sob uma perspectiva sócio-semiótica, reconhece que escolhas lingüísticas são orientadas para um propósito e que o texto é um produto dessas escolhas, realizado pelas dimensões contextuais, culturais, ideológicas e situacionais refletidas através do campo, do modo e das relações. Reconhece-se, portanto, que a língua não é neutra e que a gramática pode ser vista como um sistema que organiza as funções que o falante ou o escritor desenvolve, possibilitando explicar o modo pelo qual a língua é usada em situações sociais, como por exemplo, os textos de religiosidade aqui estudados. Para isso, no presente artigo, concentraremos a análise dos textos estudados nas relações entre texto (discurso) e participantes, ou seja, buscando entender como foi gerenciada a interação entre escritor e leitor no evento lingüístico.

2.1. Interação

Em conformidade com Halliday (1994) e Sinclair (1985) vemos a escrita e a fala como uma troca comunicativa entre dois participantes, como uma interação, portanto. Segundo Halliday (1994:68), a oração pode ser organizada como um evento interativo envolvendo o falante ou escritor e

o ouvinte ou leitor. No ato da comunicação, o falante adota para si um papel de fala em particular e atribui ao seu leitor um papel complementar que ele deseja que seu leitor adote. Dessa forma, um 'ato de fala' pode ser chamado de 'interação', isto é, de uma troca (Halliday, 1994). Thompson e Thetela (1995) argumentam que, '[...] embora a pesquisa na função interativa da língua tenha, por razões óbvias, tido o enfoque mais para o discurso falado do que para o discurso escrito, nos últimos anos tem aumentado o interesse em explorar o texto escrito em termos de interação. [...]'. Neste sentido, Nystrand (1986) mostra que a interação entre escritor e leitor está presente no evento lingüístico e que escritores e leitores interagem toda vez que os leitores entendem um texto escrito. Inversamente, pode-se dizer que, a falta do entendimento significa uma ausência de interação.

Em suma, interação em discurso escrito pode ser definida por diversos caminhos. No caso deste artigo, o foco das análises estará nas relações entre os participantes, verificando as escolhas que caracterizam a relação escritor-leitor, isto é, quem está tomando parte na interação, quem são os participantes dos textos e a relação entre eles: maior ou menor proximidade ou distância social e maior ou menor contato. O artigo, portanto, está voltado para a interação escritor-leitor, verificando os papéis assumidos pelos escritores e os atribuídos aos leitores em referências explícitas aos participantes.

2.2. Papéis

Em seu trabalho sobre projeção de imagens em textos no contexto empresarial, Ramos (1997) ressalta que dentro da abordagem sistêmica, embora se fale de papéis, não parece haver uma preocupação em conceituar claramente este termo. Nas várias visões de papéis poderíamos citar a noção de papéis ligada à idéia de status (Berger, 1997), à idéia de atribuição dada ao escritor e ao leitor em textos escritos em diferentes contextos sociais (Lyons, 1977), ao fato que em um contexto social particular, apenas um papel é assumido pelo indivíduo numa hora em particular (médico, pai..) (Brown e Yule, 1983), aos papéis de fala (Halliday e Hasan, 1976), aos papéis dêiticos (Lyons, 1977), ainda, aos papéis textuais (Delu, 1991) e aos papéis projetados (Thompson e Thetela, 1995).

Investigando a nomeação para indicar o escritor e o leitor neste trabalho, utilizaremos a noção de papéis projetados (Thompson e Thetela, 1995), definidos pelo como aqueles que são atribuídos pelo falante/escritor

através das escolhas dos termos usados para nomear ou endereçar os dois participantes e pelos papéis atribuídos a eles nos processos que são referidos na oração. Esses papéis dependem de referência explícita no texto aos dois participantes: o escritor, portanto, pode escolher não projetar papéis (ao passo que não pode escolher não desempenhar papéis). Esse é, portanto, o ponto em que o componente interpessoal se sobrepõe ao ideacional, no modelo de Halliday, já que, se o escritor projeta papéis, a pessoa sobre quem o papel foi projetado é simultaneamente um participante no evento lingüístico e um participante na oração (Thompson e Thetela, 1995:108). Com base na análise da nomeação desses participantes, analisaremos, então, a relação entre os papéis dados, tanto ao escritor, quanto ao leitor.

De acordo com Delu (1991), nas relações de distância social está o aspecto das relações sociais que nos remete à noção de familiaridade entre os interactantes, isto é, entre os iguais. A partir desse ponto de vista, pode-se dizer que quanto mais os interactantes se conhecem, mais há proximidade e menor será a distância social. Ao passo que quanto menos os interactantes se conhecem, menos haverá proximidade e mais será a distância social entre eles.

Eggins (1994) fala de grau de envolvimento afetivo e grau de contato. Do ponto de vista do grau do contato, a relação de distância social resulta da convivência ou da frequência de contatos entre os interactantes e a intensidade de atenção dada a cada um. Por exemplo, o contraste entre o contato frequente entre cônjuges, e o contato ocasional com conhecidos distantes. E do ponto de vista do grau de envolvimento afetivo, a relação de distância social refere-se à extensão ou intensidade (alta ou baixa), em que estamos emocionalmente envolvidos ou comprometidos na situação. Por exemplo, as relações de amizade entre interactantes. Lyons (1977) lembra que as noções de relações de status podem variar de língua para língua.

Como estamos interessados nas funções interativas relacionadas à projeção de papéis, as questões que envolvem a noção de pronomes são importantes para a análise, o que será examinado, brevemente, a seguir.

2.3. Pronomes

Mühlhäusler e Harré (1990:47) enfatizam a importância dos pronomes como indicadores de complexas relações entre ‘si mesmos’ (*selves*) e as sociedades onde esses ‘si mesmos’ vivem; Ramos (1997:62), assim como Pennycook (1994), enfocaram formas referenciais que “[...]”

pertencem ao sistema de pronomes, uma vez que essas formas estão diretamente envolvidas em nomear um ‘si mesmo’ (*self*), ‘si mesmos’ (*selves*) e outros [...]”. Os pronomes, portanto, implicam pressupostos de comunidade, autoridade, outros e ‘si mesmos’ (*selves*). Essas noções serviram-nos de subsídio para formar um modelo analítico que atendesse à especificidade dos dados analisados na pesquisa relatada neste artigo. Nesta perspectiva, propomos uma ampliação dos tipos de usos pronominais apresentados por Kitagawa e Lehrer (1990:749), apresentando quatro tipos de usos para as escolhas pronominais estudadas, as quais chamamos de: (i) *referencial a ‘si mesmo’* (escritor); (ii) *referencial a outro definido* (outro, que não o escritor, não o leitor, em que se pode identificar o participante: Jesus, Maria etc.); (iii) *referencial a outro indefinido* (outro, que não o escritor, não o leitor, não outro participante que se pode ser definido no texto. Um participante impessoal: alguém, ninguém, qualquer um!), e (iv) *referencial ao leitor*, conforme os exemplos:

(i) *referencial a ‘si mesmo’*: “**Eu** sei que a alegria existe, já a vi cantando em tantas faces.” (17)²

(ii) *referencial a outro definido*: “De fato Jesus disse: **Eu** vos deixo a paz, [...]” (29)

(iii) *referencial a outro indefinido*: “Ninguém pode afirmar: **Eu** não tenho vocação, [...]” (7)

(iv) *referencial ao leitor*: “Só **você** pode decidir como mudar a si próprio”. (33)

Utilizamos, portanto, essa classificação para a análise dos pronomes da 1ª e da 2ª pessoa do discurso, verificando como foram nomeados o escritor e o leitor no evento lingüístico.

Em conformidade com Mühlhäusler e Harré (1990:50) consideramos que os pronomes envolvem a dêixis da pessoa, ou seja, eles se referem aos papéis desempenhados pelos participantes na interação verbal.

Para a análise da 1ª pessoa do plural (*nós, nos, conosco*), exploramos o papel dos pronomes na expressão dos tipos de relação entre as pessoas do discurso, em conformidade com Mühlhäusler e Harré (1990). Os autores fazem distinção entre o uso do *nós* inclusivo e do *nós* exclusivo. Esta distinção está baseada em duas possibilidades: se o destinatário (leitor) está excluído ou incluído na esfera referencial do pronome *nós* (‘we’), ou seja, o seu uso envolve uma inclusão ou exclusão das pessoas.

² O número depois de cada exemplo corresponde ao número do livro de onde foi tirado, constante no anexo.

Como os autores Mühlhäusler e Harré (1990:161), podemos dizer que, pessoas usam papéis e papéis não usam pessoas, questão que nos foi de extrema importância para examinarmos os papéis dados ao escritor e ao leitor no evento lingüístico estudado, ou seja, se eles foram nomeados como falante ou ouvinte.

A partir destas noções, analisamos a interação escritor-leitor, ou seja, verificamos através da nomeação feita para o escritor e para o leitor: presença ou ausência, maior proximidade ou distanciamento, maior ou menor contato, maior ou menor distância social.

3. Metodologia

Nesta parte do artigo, apresentamos o corpus de estudo, a descrição dos passos da análise dos dados e o instrumento computacional utilizado para esse fim.

3.1. Corpus de estudo

Concentrando-nos em analisar escolhas lingüísticas ligadas à função interpessoal (Halliday, 1994), investigamos como a interação é feita em textos de religiosidade, através da projeção de papéis e de escolhas dos pronomes pessoais.

Para isso coletamos os trinta e sete livros de religiosidade: vinte e cinco sobre a espiritualidade de Santo Afonso; oito sobre auto-ajuda no meio religioso – voltados a um apoio para encaminhar o processo de realização do indivíduo, ajudando-o a se posicionar com maior profundidade em ambientes culturais novos, tornando mais madura sua experiência voltada para a religião – publicados ambos pelos redentoristas e, quatro livros sobre outra espiritualidade, a da *unidade*, focolarina, da própria fundadora, Chiara Lubich, como autora dos textos, publicados pelos focolarinos. Cada conjunto de textos está imbuído de um contexto específico que pode trazer marcas que caracterizam, por exemplo, o seu propósito, a sua história etc. Acreditamos poder representar um primeiro estudo lingüístico sobre este gênero – religiosidade; comparando-os pretendemos mostrar três subgêneros: espiritualidade, auto-ajuda (do meio religioso) e Chiara Lubich.

Procuraremos categorizar as escolhas pronominais feitas para o escritor e para o leitor em cada conjunto de textos, possibilitando uma maior

compreensão desses tipos de textos em sua produção, pois tendo em vista que os textos podem ser um caminho para a interação entre escritor e leitor, estamos interessados no modo como esta visão interativa acontece neste gênero – textos de religiosidade. Portanto, através do que chamamos de três subgêneros, mencionados anteriormente, em nossa pesquisa, buscou-se entender quais são e como são usados os mecanismos lingüísticos que apontam como o autor relaciona-se consigo mesmo, com os outros, com Deus em textos de religiosidade, ou seja, como acontecem as construções de interações sociais no contexto sócio/religioso. Assim, com o propósito de saber como se usa a linguagem sob uma perspectiva sócio-semiótica, como evento interativo, que provoca interações, deste gênero, estudamos os três subgêneros, já mencionados, para saber como se manifestam os mecanismos lingüísticos interpessoais, a ênfase dada a eles – estabelecendo interação de maior ou menor proximidade e aos efeitos interativos criados nestes tipos de textos.

3.2. Procedimentos para a análise dos dados

Para a análise quantitativa e qualitativa dos dados utilizamos os instrumento Lista de palavras e Concordância do programa computacional “WordSmith Tools”, Scott (1997).

O nosso primeiro passo foi levantar e conhecer as palavras características de cada texto e sua frequência, fazendo uma lista de palavras de cada texto e, em seguida, produzir uma lista de palavras de cada conjunto de textos. Pudemos assim levantar o número de ocorrência dos pronomes da 1ª e da 2ª pessoa do discurso, para verificar a frequência de uso de cada pronome estudado nos conjuntos de textos, analisar escolhas do escritor para nomear a ele mesmo e ao leitor.

No segundo passo, produzimos listas de concordância dos pronomes estudados para categorizar os usos desses pronomes nos textos. Examinamos, para tanto, uma por uma, as ocorrências no contexto, segundo as categorias, já mencionadas, de usos: inclusivo, exclusivo (ao leitor), referencial a ‘si mesmo’ (ao escritor), referencial a outro (participante) definido, referencial a outro (participante) indefinido, referencial ao leitor.

A seguir, identificamos que tipo de interação foi mais favorecido entre escritor e leitor, nos conjuntos de textos estudados, seguindo as categorias de maior ou menor proximidade ou distanciamento social

entre esses participantes (Lyons, 1977; Delu, 1991 e Eggins, 1994), mencionadas anteriormente.

4. Análise dos dados

Identificamos nos dados que o uso dos pronomes da 1ª e da 2ª pessoa do discurso, para nomear o escritor e o leitor, indicou tipos de interação diferentes. Apresentamos a seguir, os tipos de interação encontrados, por conjunto de textos, separadamente.

A) Espiritualidade

Analisando o uso pronominal nos vinte e cinco livros que formam este conjunto, encontramos, entre o uso dos pronomes *eu*, *me*, *mim* e *comigo*, ou seja, entre o uso da 1ª pessoa singular do discurso, a nomeação, na sua maioria, de outros falantes, que não o escritor, conforme mostra a Tabela 1, abaixo³.

TIPO DE USO PRONOMINAL	1ª PESSOA SINGULAR									
	EU		ME		MIM		COMIGO		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Referencial a 'si mesmo' (escritor)	348	25,53	462	28,03	124	23,57	15	21,43	949	26,31
Referencial a outro definido	1.013	74,32	1.186	71,97	402	76,43	55	78,57	2656	73,63
Referencial ao leitor	2	0,15	-	-	-	-	-	-	2	0,06
Total de ocorrências	1.363	100	1.648	100	526	100	70	100	3.607	100

Tabela 1: Uso dos pronomes da 1ª pessoa do singular do discurso no conjunto espiritualidade

Estes outros participantes são personagens bíblicos e santos, portanto, participantes definidos que falam pelo escritor. Um exemplo deste tipo de uso pronominal aparece numa história na qual o personagem Lino sonha com o personagem Deus e fala sobre como pensava que ele fosse:

Lino: Bem, **eu** sempre pensei que o Senhor fosse um velho com uma longa barba branca, sentado em uma nuvem, mas **eu** não imaginava que o Senhor de fato se parecesse com isso.

³ Existiram algumas ocorrências do tipo de uso pronominal *referencial a outros indefinidos* nos três conjuntos textos estudados, que, porém, não serão consideradas neste artigo por terem sido muito poucas.

- Deus: Como você acha que **eu** sou?
- Lino: Não sei. Mas todos vivem dizendo que o Senhor não é um velho com longas barbas brancas sentado numa nuvem.
- Lino: Há uma coisa sobre o Sr. que **eu** sempre quis saber.
- Deus: Que é?
- Lino: Que é que o Sr. fazia antes de criar o universo?
- Deus: Que você acha que **eu** fazia? (13)

Outro exemplo, ainda, traz uma fala de Santo Afonso:

Se **eu** não tivesse um amor muito firme e forte a Jesus, **eu** não teria resistido às lágrimas de meu pai quando me pediu que ficasse em casa e não fosse atrás dos meus pobres das montanhas. (14)

Já entre o uso dos pronomes *nós*, *nos* e *conosco* (1ª pessoa do plural do discurso) verificamos que houve o favorecimento da nomeação do escritor incluindo o leitor, portanto, um pronome *inclusivo*, conforme tabela 2:

TIPO DE USO PRONOMINAL	1ª PESSOA PLURAL							
	NÓS		NOS		CONOSCO		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Escritor + leitor	926	74,56	1.711	78,81	58	70,73	2.695	77,11
Escritor + grupo	71	5,72	74	3,41	2	2,44	147	4,21
Outro definido + leitor	71	5,72	157	7,23	7	8,54	235	6,72
Outro definido + grupo	174	14,00	229	10,55	15	18,29	418	11,96
Total de ocorrências	1.242	100	2171	100	82	100	3.495	100

Tabela 2: Uso dos pronomes da 1ª pessoa do plural do discurso no conjunto espiritualidade

Como se observa, na tabela acima, entre os tipos de uso inclusivo ao leitor, os pronomes *nós*, *nos* e *conosco* *inclusivo* concentraram-se no uso que nomeia o escritor + o leitor. Vejamos os exemplos:

Se quisermos que todo o mundo **nos** ajude, principalmente quando passamos por momentos difíceis, não é humano nem cristão não sentir a dor que dói nos outros. (11)

...Deus está sempre em **nós**, falando conosco pela Voz Interior, ajudando-**nos** a resolver fazer a coisa certa. (12)

...como esposos cristãos, não estamos sós, porque Deus está **conosco**. (21)

Na análise do uso da 2ª pessoa do discurso os dados mostram que quanto ao uso de *você, tu, te, ti, contigo, senhor (a)*, em sua maioria, nomeiam outros ouvintes, que não o leitor, e em que se pode identificar o participante (*referencial a outro definido*): Jesus, Maria etc., conforme mostra a Tabela 3:

TIPO DE USO PRONOMINAL	2ª PESSOA SINGULAR													
	VOCÊ		TU		TE		TI		CONTIGO		SENHOR (A)		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Referencial a 'si mesmo' (escritor)	-	-	-	-	1	0,31	-	-	-	-	-	-	1	0,03
Referencial a outro definido	712	49,72	159	92,44	324	99,69	181	100	31	100	1.341	100	2.748	78,92
Referencial ao leitor	720	50,28	13	7,56	-	-	-	-	-	-	-	-	733	21,05
Total de ocorrências	1.432	100	172	100	325	100	181	100	31	100	1.341	100	3.482	100

Tabela 3: Uso dos pronomes da 2ª pessoa do singular do discurso no conjunto espiritualidade

Observa-se, portanto, que a nomeação de *você* para o leitor apareceu em menor número. Os outros participantes nomeados referem-se a personagens bíblicos: Jesus, Deus, Maria, santos e não ao leitor.

Exemplo de nomeação de *você* para o leitor:

O que importa é que você não perca a fé, ou se um dia a perdeu, faça tudo para recuperá-la. (11)

Exemplos de nomeação de *você* para outros participantes:

Antes que eu nascesse, **tu**, ó Deus, me conhecias. (2)

(Senhor) Não quero amar senão a **ti**. **Tu** me queres todo teu e eu quero ser todo teu. (25)

E, ainda, outro exemplo de *você* para outros participantes:

Como se adivinhasse minha ansiedade, levantou a cabeça, sua voz rouca e profunda quase implorando: - Diga-me antes de ir, Nicodemos. O que **você** acha? Uma vez havia um pai que tinha dois filhos... (16)

O pronome *você*, acima, não se refere ao leitor. Trata-se do falante Jesus que tem como ouvinte o personagem Nicodemos; o *você*, então, refere-se a Nicodemos (*você*-outro definido) e não ao leitor.

O mesmo acontece entre o uso dos pronomes da 2ª pessoa do discurso no plural: *vocês*, *vós*, *vos*, *convosco*. Vejamos a Tabela 4, abaixo.

TIPO DE USO PRONOMINAL	2ª PESSOA PLURAL											
	VOCÊS		VÓS		VOS		CONVOSCO		SENHORES (AS)		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Referencial a 'si mesmo' (escritor)	5	2,89	-	-	-	-	-	-	-	-	5	0,74
Referencial a outro definido	104	60,12	154	100	318	100	12	100	17	100	605	89,76
Referencial ao leitor	64	36,99	-	-	-	-	-	-	-	-	64	9,50
Total de ocorrências	173	100	154	100	318	100	12	100	17	100	674	100

Tabela 4: Uso dos pronomes da 2ª pessoa do plural do discurso no conjunto espiritualidade

Na tabela acima observamos que também para a segunda pessoa do plural do discurso, nomeou-se, na maioria dos casos, outro ouvinte, ou seja, outros participantes no evento lingüístico: personagens em histórias bíblicas ou em citações bíblicas. No exemplo a seguir, apresentamos um trecho destas histórias bíblicas em que o falante é o personagem Pôncio Pilatos contando como foi o julgamento do personagem Jesus. O pronome *vocês*, aqui, refere-se às pessoas que acompanhavam o julgamento de Jesus e não ao leitor:

Uma coisa eu podia fazer, pensei. Podia usar o jogo da libertação: em toda Páscoa dos judeus, o procurador liberta um prisioneiro, qualquer um que o povo escolha. Eu sabia que podia utilizar isto a meu favor: se eu pudesse limitá-los a uma escolha entre um zelote popular e Jesus de Nazaré. A multidão, com certeza, se confundiria com a minha proposta. Limpei a garganta. — Povo de Jerusalém, ouça-me, clamei. — **Vocês** conhecem a tradicional anistia da Páscoa, quando nós oferecemos a oportunidade de que os crimes de um prisioneiro sejam esquecidos e o soltamos sob a ordem de vocês. Honrar este costume pode ser uma forma de solucionar nossas diferenças. Quem **vocês** querem que eu solte: Barrabás ou Jesus, chamado o Messias? (16)

As Tabelas 3 e 4, mencionadas anteriormente, evidenciam, então, que há mais nomeação de participantes internos ao texto e que, portanto, essa interação é favorecida sobre a interação com o leitor.

Esses dados indicam, portanto que, no conjunto espiritualidade há muito pouco envolvimento com o leitor e muito com participantes internos ao texto, há a preferência para se personalizar outros participantes. A nosso ver, o foco dos textos parece estar na mensagem que se deseja comunicar, neste conjunto – o Evangelho ou histórias sobre ele. Em outras palavras, o apagamento do escritor, que mostra seu ponto de vista através da fala de outras pessoas (santos, personagens bíblicos), parece mostrar uma relação escritor-leitor de certo distanciamento, justificada talvez pela evidência que o escritor queira dar à mensagem (a história).

B) Auto-ajuda

Em contraste ao conjunto espiritualidade, a análise dos oito livros do grupo auto-ajuda mostra que uma grande parte do uso dos pronomes: *eu*, *me*, *mim*, *comigo* nomeia o escritor, como resume a Tabela 5, a seguir.

TIPO DE USO PRONOMINAL	1ª PESSOA SINGULAR									
	EU		ME		MIM		COMIGO		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Referencial a 'si mesmo' (escritor)	152	72,38	286	93,16	96	95,05	15	100	549	86,73
Referencial a outro definido	58	27,62	21	6,84	5	4,95	-	-	84	13,27
Referencial ao leitor	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total de ocorrências	210	100	307	100	101	100	15	100	633	100

Tabela 5: Uso dos pronomes da 1ª pessoa do singular do discurso no conjunto auto-ajuda

Entre os exemplos de nomeação da 1ª pessoa do singular do discurso que se refere ao escritor apresentamos os seguintes:

Senti que meus alicerces haviam desmoronado e que **eu** estava **me** partindo em pedaços! Chorei muito, dormi muito e rezei - regularmente. (33)

Era como se **eu** pedisse: "Ajude-**me**", "Como pôde fazer isso comigo?", "Por que ninguém faz alguma coisa?". Senti-**me** enganada, estúpida e exposta. (33)

Vivia sentindo pena de **mim** mesma e inventando desculpas. (33)

Quando a dor de determinada situação pareceu estar pronta a dominar-**me**, passei a tomar muito cuidado **comigo** como um todo. (33)

Esses dados indicam que o papel de falante foi dado, na sua maioria, ao escritor; há, contudo, também a nomeação do leitor conjuntamente ao escritor através dos pronomes *nós*, *nos* e *conosco*, como mostra a Tabela 6:

TIPO DE USO PRONOMINAL	1ª PESSOA PLURAL							
	NÓS		NOS		CONOSCO		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Referencial ao escritor + leitor	347	98,02	758	99,61	38	97,44	1.143	99,05
Referencial ao escritor + grupo	2	0,57	-	-	-	-	2	0,17
Referencial a outro definido + leitor	5	1,41	3	0,39	1	2,56	9	0,78
Referencial a outro definido + grupo	-	-	-	-	-	-	-	-
Total de ocorrências	354	100	761	100	39	100	1.154	100

Tabela 6: Uso dos pronomes da 1ª pessoa do plural do discurso no conjunto auto-ajuda

Vejamos alguns exemplos da nomeação do escritor + leitor, mostrando, portanto, certo grau de proximidade e familiaridade na interação entre eles, no evento lingüístico:

“Ame o seu próximo como a si mesmo”. Sempre achamos que isso é muito difícil. E a razão de não conseguirmos amar os outros é que não aprendemos a amar a **nós** mesmos. Magoamos os outros porque nos falta o devido amor-próprio. (35)

Conhecer-**nos** a **nós** mesmos torna-se indispensável para nossa integração no mundo. (32)

Resumindo, entre o uso pronominal da 1ª pessoa do discurso deste conjunto, observamos muita nomeação para o escritor, conforme Tabela 5, já mencionada. E, na Tabela 6, acima apresentada, observamos também um tipo de uso que nomeia o escritor e o leitor, conjuntamente, porém, em menor ocorrência que a nomeação para o escritor somente. Pode-se dizer, então, que, aqui o papel de falante foi dado, na sua maioria, ao escritor.

Já entre o uso dos pronomes da 2ª pessoa do discurso vemos, na tabela 7, a seguir, que houve maior nomeação ao leitor que aos outros participantes através do uso de *você*.

TIPO DE USO PRONOMINAL	2ª PESSOA SINGULAR													
	VOCÊ		TU		TE		TI		CONTIGO		SENHOR (A)		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Referencial a 'si mesmo' (escritor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Referencial a outro definido	36	4,47	6	66,67	25	96,15	8	80	3	100	55	100	133	14,65
Referencial ao leitor	769	95,53	3	33,33	1	3,85	2	20	-	-	-	-	775	85,35
Total de ocorrências	805	100	9	100	26	100	10	100	3	100	55	100	908	100

Tabela 7: Uso dos pronomes da 2ª pessoa do singular do discurso no conjunto auto-ajuda

Os dados da tabela acima indicam, portanto, que esse conjunto caracterizou-se por nomear predominantemente o leitor através de *você*. Exemplos:

Só **você** pode decidir como mudar a si próprio. (33)

A partir desta experiência, comecei a tentar entender a dor emocional, pois eu também sentia um montão delas. Acho que a compreensão me ajudou e talvez também possa ajudar **você**. (33)

O uso da 2ª pessoa do plural, por sua vez, apresentou-se em menor número e não caracteriza um uso para o leitor, conforme mostra a Tabela 8, abaixo.

TIPO DE USO PRONOMINAL	2ª PESSOA PLURAL													
	VOCÊS		VÓS		VOS		CONVOSCO		SENHORES (AS)		TOTAL			
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%		
Referencial a 'si mesmo' (escritor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Referencial a outro definido	7	70,00	2	100	13	100	1	100	1	100	24	88,89		
Referencial ao leitor	3	30,00	-	-	-	-	-	-	-	-	3	11,11		
Total de ocorrências	10	100	2	100	13	100	1	100	1	100	27	100		

Tabela 8: Uso dos pronomes da 2ª pessoa do plural do discurso no conjunto auto-ajuda

Como no conjunto espiritualidade, observamos na tabela acima, que o uso da 2ª pessoa do plural do conjunto auto-ajuda concentrou-se no uso pronominal *referencial a outro definido*, ou seja, em outros participantes que podemos identificar no texto: Jesus, o discípulo João, porém, que não são o leitor, através dos pronomes: *vós* (100%), *vos* (100%), *convosco* (100%), *senhores* (as) (100%). Exemplos:

Se o mundo **vos** odeia, sabeis que me odiou antes de **vós** (Jô 15,18). (36)

Se me perseguiram, também a **vós** hão de perseguir (Jô, 15,20). (36)

Resumindo, vimos que tanto no conjunto auto-ajuda como no conjunto espiritualidade há um grau de proximidade entre escritor e leitor, mas observa-se nas Tabelas 5 a 8, já apresentadas, que as ocorrências pronominais que nomeiam a presença de outros participantes no texto é maior.

C) Chiara Lubich

Na análise dos quatro livros que compõem este conjunto, também verificamos ocorrências pronominais da 1ª pessoa que nomeiam ora a escritora, ora outros participantes no texto, conforme mostra a Tabela 9, abaixo.

TIPO DE USO PRONOMINAL	1ª PESSOA SINGULAR									
	EU		ME		MIM		COMIGO		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Referencial a 'si mesmo' (escritor)	103	27,39	318	62,48	62	38,04	10	71,43	493	46,42
Referencial a outro definido	273	72,61	191	37,52	101	61,96	4	28,57	569	53,58
Referencial ao leitor	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total de ocorrências	376	100	509	100	163	100	14	100	1.062	100

Tabela 9: Uso dos pronomes da 1ª pessoa do singular do discurso no conjunto Chiara Lubich

Interessante notar, na tabela acima, que a escritora aparece mais como objeto que como sujeito no uso da 1ª pessoa do singular e que os outros participantes encontrados neste conjunto de textos também são, em sua maioria, outros participantes que identificamos como: Jesus, Maria,

discípulos, santos, ou seja, um uso pronominal *referencial a outro definido*.

Os exemplos nomeando a escritora, no geral, aparecem quando ela narra uma sua história.

(Senhor) Tu **me** dás a coragem para minha vida cristã mais do que se **eu** tivesse o universo inteiro a **me** impelir. (27)

Exemplo nomeando outros participantes:

De fato Jesus disse: ‘Quem come a minha carne e bebe meu sangue permanece em **mim** e **eu** nele.’. (29)

O uso pronominal da 1ª pessoa do discurso, contudo, apresenta maior ocorrência no plural que no singular. Vejamos a Tabela 10, abaixo, com o uso pronominal da 1ª pessoa do discurso do plural deste conjunto.

TIPO DE USO PRONOMINAL	1ª PESSOA PLURAL							
	NÓS		NOS		CONOSCO		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Escritor + leitor	515	61,97	626	52,65	29	59,19	1.170	56,55
Escritor + grupo	235	28,28	456	38,35	11	22,45	702	33,93
Outro definido + leitor	56	6,74	101	8,50	6	12,24	163	7,88
Outro definido + grupo	25	3,01	6	0,50	3	6,12	34	1,64
Total de ocorrências	831	100	1.189	100	49	100	2.069	100

Tabela 10: Uso dos pronomes da 1ª pessoa do plural do discurso no conjunto Chiara Lubich

Conforme mostra a Tabela 10, acima, a relação entre escritora e leitor aparece em maioria no tipo de uso pronominal que se refere *ao escritor + o leitor* na qual a escritora e o leitor foram nomeados conjuntamente por *nós, nos e conosco* (inclusivo), sugerindo mais proximidade. Exemplos:

Isto **nos** diz que, se erramos, uma vez arrependidos, Jesus não se lembra mais de nada e **nos** vê no desígnio que tem sobre **nós**. Misericórdia de Deus! (29)

Sendo assim, não somos **nós**, míseros e limitados, sozinhos e sofredores, que agimos na vida. **Conosco** caminha o Onipotente. (26)

No uso da 1ª pessoa do discurso verificou-se, portanto, que escolhas pronominais se concentraram na nomeação da escritora e do leitor, conjuntamente, dando ao leitor a possibilidade de ele pertencer ao grupo de falante (do escritor), conforme mostram os exemplos acima.

O uso da 2ª pessoa do discurso, por sua vez, apresentou pouca frequência e quando ocorre nomeia outros participantes bíblicos, que não o leitor, mas sim: Jesus, Maria, santos, isto é, outros participantes definidos, conforme mostra a Tabela 11, abaixo.

TIPO DE USO PRONOMINAL	2ª PESSOA SINGULAR													
	VOCÊ		TU		TE		TI		CONTIGO		SENHOR (A)		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Referencial a 'si mesmo' (escritor)	5	50	2	0,94	-	-	2	1,37	-	-	-	-	9	0,85
Referencial a outro definido	5	50	169	78,97	259	82,75	129	88,36	18	94,74	356	100	936	88,47
Referencial ao leitor	-	-	43	20,09	54	17,25	15	10,27	1	5,26	-	-	113	10,68
Total de ocorrências	10	100	214	100	313	100	146	100	19	100	356	100	1.058	100

Tabela 11: Uso pronominal da 2ª pessoa do singular do discurso no conjunto Chiara Lubich

Na sua maioria os outros participantes, como por exemplo: Jesus, Deus, aparecem como ouvintes da escritora em orações. Exemplos:

O porquê da minha vida és **Tu, Senhor** crucificado, sob qualquer forma que vieres. (28)

O mesmo acontece com o uso da 2ª pessoa do plural, conforme mostra a Tabela abaixo.

TIPO DE USO PRONOMINAL	2ª PESSOA PLURAL												
	VOCÊS		VÓS		VOS		CONVOSCO		SENHORES (AS)		TOTAL		
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	
Referencial a 'si mesmo' (escritor)	3	21,43	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	0,89
Referencial a outro definido	11	78,57	119	100	186	100	15	100	2	100	333	99,11	
Referencial ao leitor	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total de ocorrências	14	100	119	100	186	100	15	100	2	100	336	100	

Tabela 12: Uso pronominal da 2ª pessoa do plural do discurso no conjunto Chiara Lubich

Na sua maioria, o uso pronominal da 2ª pessoa do plural do discurso também nomeou outros ouvintes, participantes definidos, como por exemplo: Jesus. Exemplo:

Jesus disse: ‘Se dois de **vós** estiverem de acordo sobre qualquer coisa que na terra queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus.’ (28)

Esse uso indica, portanto, a 2ª pessoa pouco foi usada para nomear o leitor e que a predominância para nomear o leitor conjuntamente ao escritor revela uma grande proximidade e intimidade entre eles. A partir desse ponto de vista, a interação entre os participantes parece ser maior.

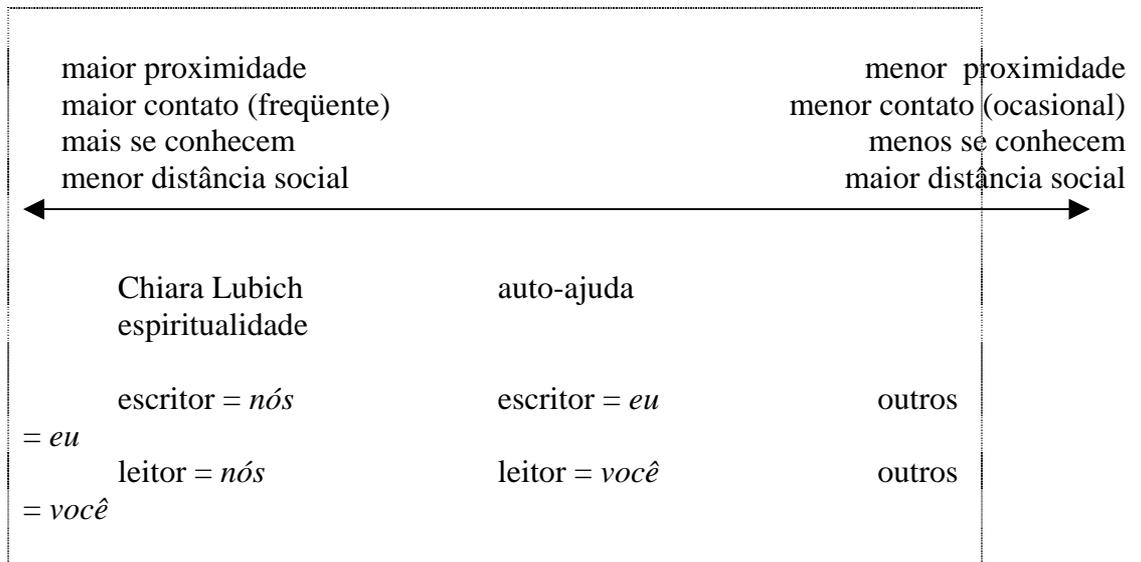
Os números ressaltam ainda que a proximidade escritora/leitor pode sugerir uma relação de grupo, de comunidade, de aspectos comuns entre escritora e leitor. Em contraste com os outros dois conjuntos estudados, a investigação de como a interação é gerenciada nesse conjunto de textos, portanto, apontou usos em maioria de *nós*, *nos* e *conosco*, tanto para a escritora quanto para o leitor.

5. Conclusão

Os três conjuntos estudados apresentaram o uso de *nós* inclusivo ao leitor, porém, essa característica é muito maior no conjunto Chiara Lubich. Como mencionamos antes, o conjunto auto-ajuda caracterizou-se pelo uso pronominal de *eu*, *me*, *mim*, *comigo* para nomear o escritor e de *você* para o leitor, e o conjunto espiritualidade apresentou, em sua maioria, usos de *eu*, *mim*, *comigo* e de *você* para nomear outros falantes que não o escritor e o leitor.

Tendo em vista as características apresentadas nos conjuntos estudados, os tipos de nomeação dada ao escritor e ao leitor identificam nos textos uma gradação nos tipos de interação, que vai de uma maior proximidade – quando o escritor e o leitor são nomeados juntamente através do uso de *nós* (inclusivo) – a uma menor proximidade, quando outros participantes são nomeados no evento comunicativo para transmitir a mensagem que o escritor deseja. Para uma melhor visualização, apresentamos a

representação, sugerida em Silva (2000), desses tipos de interação no contínuo a seguir.



Representação 1: Graus de interação entre escritor e leitor no evento lingüístico estudado

Como mostra a representação acima, a interação que se aproxima do lado esquerdo seria aquela que propicia maior proximidade e solidariedade entre os participantes. E aquela que se aproxima do lado direito, seria a que propicia maior distanciamento entre escritor e leitor, pois essa interação não nomeia explicitamente o escritor e o leitor; ela mostra a participação indireta do escritor, emitindo sua opinião através de outros participantes. Esse dado indica que os três conjuntos de textos apresentaram diferenças entre si, no que diz respeito a usos pronominais para nomear os participantes do evento lingüístico, cada qual, portanto, com características próprias de seu contexto.

Resta-nos distinguir se esses conjuntos correspondem a três gêneros ou dois ou são variantes de um mesmo gênero. O fato de termos nas comunidades religiosas como um todo denominações específicas para religiosidade e auto-ajuda, e as diferenças encontradas levam-nos a caracterizar os dois grupos como gêneros distintos.

E quanto aos textos de Chiara Lubich? Constituiriam um terceiro gênero? Ou seria um novo desenvolvimento que engloba os dois gêneros? Evidentemente para chegar-se a uma conclusão a respeito

deveríamos estudar textos de religiosidade de outros grupos para ver como diferem dos de Chiara Lubich; além dos de Chiara Lubich estudamos textos de uma mesma editora, ligada a um a congregação específica, que foram identificados como diferentes – ou seja, que pertencem a gêneros distintos; seria interessante comparar esta análise com análises de textos diferentes de outras congregações e mesmo de outras religiões e possivelmente até leigos, para chegarmos a uma conclusão mais abrangente.

REFERÊNCIAS

- BERGER, P. L. 1997. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes.
- BROWN, G. & Yule, G. 1983. *Discourse Analysis*. Cambridge: CUP.
- DELU, Z. 1991. Role relationships and their realization in Mood and modality. *Text*, n. 11, v.2, p.289-318.
- EGGINS, S. 1994. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Printer Publishers.
- HALLIDAY, M. A. K. & R. HASAN. 1976. *Cohesion in English*. London: Longman.
- HALLIDAY, M. A. K. 1994. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold.
- KITAGAWA, C. & Lehrer, A. 1990. Impersonal uses of personal pronouns. *Journal of Pragmatics*, n.14, v.5, p.739-759.
- LYONS, J. 1977. *Semantics*. Cambridge: CUP.
- MÜHLHÄUSLER, P. & Harré, R. 1990. *Pronouns and People: the linguistic construction of social and personal identity*. Oxford: Basil Blackwell.
- NYSTRAND, M. 1986. *The structure of written communication: studies in reciprocity between writers and readers*. Orlando: Academic Press.
- PENNYCOOK, A. 1994. The politics of pronouns. *ELT Journal*, n.48, v.2, p.173-179.
- RAMOS, R. C. G. 1997. *Projeção de imagens através de escolhas lingüísticas: um estudo no contexto empresarial*. Tese de doutorado. PUC/SP.
- SCOTT, M. R. 1997. *Wordsmith Tools*. Oxford: OUP.
- SECONDIN, B. & Goff, T. 1993. *Curso de Espiritualidade: experiência, sistemática, projeções*. São Paulo: Paulinas.

- SILVA, A. L. O. 2000. *A interação escritor-leitor através de escolhas lingüísticas: um estudo em textos de espiritualidade, de auto-ajuda e de Chiara Lubich*. Dissertação de mestrado. PUC/SP.
- SINCLAIR, J. 1985. On the Integration of Linguistic Description. In: van Dijk, T. (Ed.). *Handbook of Discourse Analysis*, v.2. Dimensions of Discourse. Londres: Academic Press. p. 13-28.
- THOMPSON, g. & P. THETELA. 1995. The Sound of one Hand Clapping: the Management of Interaction in Written Discourse. *Text*, n.15, v.1, p.103-127.

ANEXO

Nº	LIVROS DE ESPIRITUALIDADE	AUTOR (A)	ANO DE PUBLICAÇÃO
1.	<i>Essa mãe chamada Maria.</i>	Accatino, Ornella.	1996
2.	<i>Rezo porque vivo. Vivo porque rezo.</i>	Häring, Bernhard. Salvoldi, Valentino.	1995
3.	<i>O manto de Elias. Itinerário espiritual para a vida religiosa.</i>	Bianchi, Enzo.	1996
4.	<i>Essa alegre gente de Deus.</i>	Bovo, Clóvis.	1996
5.	<i>Virgindade.</i>	Cantalamessa, Raniero.	1995
6.	<i>Santo Afonso no tricentenário do seu nascimento.</i>	Chiovaro, Francesco.	1996
7.	<i>Que devo fazer, Senhor? Iniciação à direção espiritual para os jovens e seus educadores.</i>	Corti, Renato. Marzi, Luciano. Stevan, Sergio.	1997
8.	<i>O combate espiritual - segundo São Bento.</i>	Ducruet, Bernard.	1996
9.	<i>A confiança na providência.</i>	Evelyne .	1995
10.	<i>Amar seus inimigos - um desafio impossível?</i>	Forest, Jim.	1995
11.	<i>Ver a vida com amor.</i>	Gambi, Orlando.	1996
12.	<i>Onde é que mora Deus?</i>	Gellman, Rabino Marc e Hartman, Monsenhor Thomas.	1995
13.	<i>O sonho do Lino da Silva.</i>	Henesy, Michael.	1995
14.	<i>Santo Afonso - Uma espiritualidade para hoje. Um pouco do pensamento e da doutrina de santo Afonso de Ligório.</i>	Kirchner, Luís.	1997
15.	<i>Santo Afonso e sua espiritualidade.</i>	Lowery, Daniel L.	1995
16.	<i>Impressões sobre Jesus.</i>	Mcbride, Denis.	1995
17.	<i>O melhor de Michel Quoist - Quando a vida se faz prece.</i>	(Michel Quoist)	1996
18.	<i>Continuar o redentor – Dimensões da espiritualidade redentorista</i>	Oliveira, Luiz Carlos de.	1996

19.	<i>Cheia de Graça.</i>	Pacheco, Conceição de Quadros.	1995
20.	<i>Santo Afonso de Ligório.</i>	Pachotte, Afonso.	1996
21.	<i>O evangelho segundo os casais / 1.</i>	Palamenghi, Sandro.	1996
22.	<i>A paz a seu alcance. Pequeno tratado sobre a paz do coração.</i>	Philippe, Jacques.	1996
23.	<i>Louvor em arco-íris - Em... abrindo o coração.</i>	Quissak Bartelega, Euterpe Silva.	1996
24.	<i>Por que veneramos Maria.</i>	Schineller, Peter.	1995
25.	<i>Orar 15 dias com Santo Afonso de Ligório.</i>	Ségalen, Jean-Marie.	1996
Nº	LIVROS DE CHIARA LUBICH	AUTORA	ANO DE PUBLICAÇÃO
26.	<i>Escritos Espirituais/ 1 – A atração do tempo moderno.</i>	Lubich, Chiara.	1998
27.	<i>Escritos Espirituais/ 2 – O essencial de hoje.</i>	Lubich, Chiara.	1983
28.	<i>Escritos Espirituais/ 3 – Todos ‘um’.</i>	Lubich, Chiara.	1984
29.	<i>Escritos Espirituais/ 4 – Deus entre os homens.</i>	Lubich, Chiara.	1983
Nº	LIVROS DE AUTO-AJUDA	AUTOR (A)	ANO DE PUBLICAÇÃO
30.	<i>Confiança e Paz.</i>	Bulek, Maria.	1995
31.	<i>Busque as coisas de Deus.</i>	Camandari, Manuel Talamas.	1996
32.	<i>Escreva um diário para se conhecer.</i>	Cavaliere, Raffaele.	1996
33.	<i>Deixe de ser vítima - dicas para o crescimento pessoal.</i>	Gustin, Marilyn Norquist.	1995
34.	<i>Escuta! Ele está chamando.</i>	Hourcade, Janine.	1996
35.	<i>Ame a si mesmo (em quadrinhos).</i>	Redentoristas.	1996
36.	<i>Seja uma nova pessoa - doze passos para o crescimento cristão.</i>	Romain, Philip st.	1997
37.	<i>Você e seu adolescente.</i>	Ralph, F. Ranieri.	1996

Tabela 13: Livros por conjunto de textos